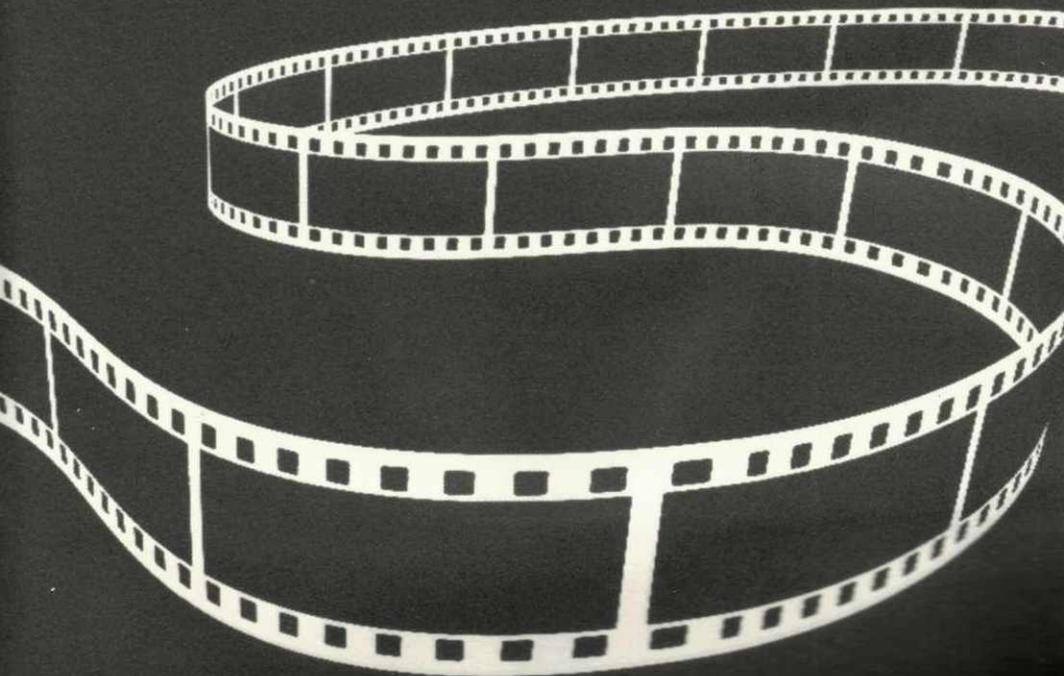


CAPÍTULO 15

(En)cantos do coração: desafios de um mestre

Erivan Silva



Introdução

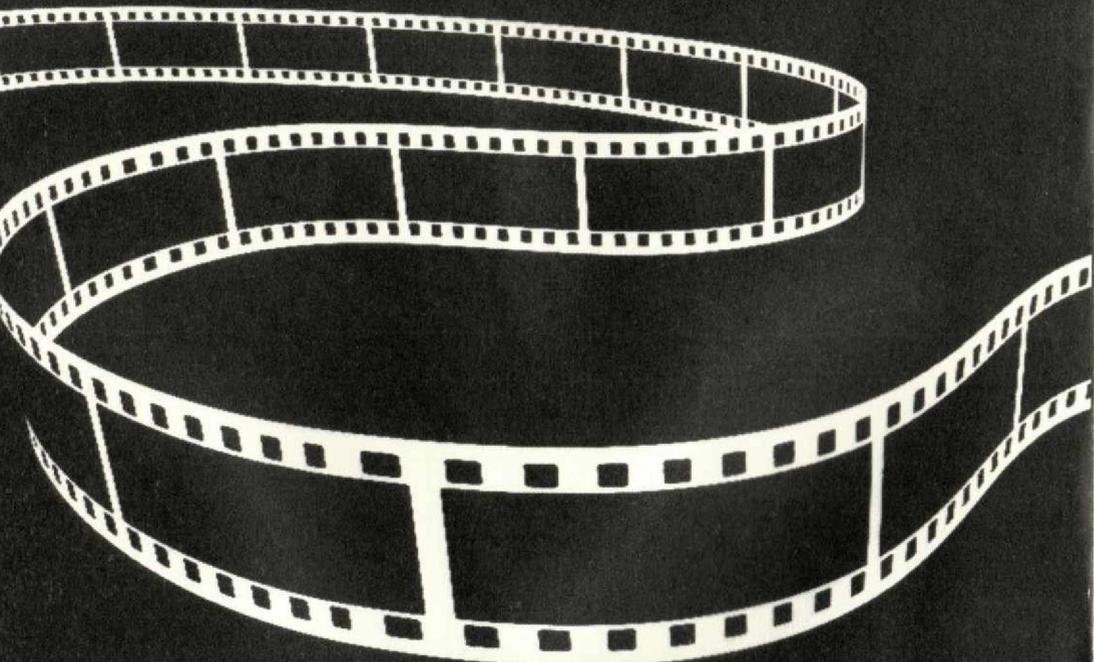
Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

Cantar é mover o dom...

Djavan

Este ensaio sobre cinema e escola é baseado no filme francês *Les Choristes*, conhecido no Brasil como *A Voz do Coração* e lançado em 2004 sob a direção de Christophe Barratier. Trata-se de um roteiro que conta a história de uma escola inserida em um internato, que funciona mais como uma espécie de reformatório para as crianças francesas vítimas dos horrores da Segunda Guerra Mundial. A instituição possui um diretor severo, Rachin (François Berléand), que adota medidas educativas de extrema violência com a intenção de doutrinar as crianças do internato. Com a chegada de um novo educador, o músico compositor Clément Mathieu (Gérard Jugnot), mudanças significativas passam a acontecer quando esse honorável professor, ao perceber o talento musical nato daquelas crianças, propõe criar um coral, acreditando que esse seja o ponto de partida para educá-las de forma menos cartesiana e mais libertadora, fazendo uso das potencialidades natas apresentadas por elas. Assim, o desenrolar do filme



se dá especialmente entre forças que se opõem: autoritarismo e autoridade, poder e resistência. Nesse contexto, o professor Mathieu demonstra com suas práticas o quão uma escola pode ser edificante quando é comprometida em trabalhar o corpo e o espírito dos seus alunos.

O longa-metragem remonta à França da década de 1940, mais precisamente no ano de 1949, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Nesse período do pós-guerra, a França vivia a sua quarta República, enfrentando vários problemas de ordem social e econômica. Muitas sequelas que marcavam esse período foram consequências de fatos ocorridos durante o período da guerra como as várias formas de violência contra a mulher nos conflitos - estupros, violência psíquica - e a morte de centenas de pais de família, deixando muitos órfãos espalhados por todo o país. A escola do filme - que funciona dentro do internato - atende justamente a esses meninos órfãos e de mães solteiras que precisaram trabalhar por não terem mais o provedor dentro de casa. Trata-se de uma nova realidade para as mulheres francesas, que perderam seus maridos durante a segunda guerra, tendo, a partir desse momento, que se adequarem a vários tipos de mão de obra, além de terem que deixar seus filhos em internatos, como é o caso de Violette Morhange (Marie Bunel) - mãe de Pierre Morhange (Jean-Baptiste Maunier), um dos personagens centrais do filme - que tem o seu filho mandado à força para o internato por ordem judicial.

As primeiras cenas do filme demonstram que o público do internato "Fond de L'etang", que significa fundo do poço, é formado por crianças consideradas extremamente problemáticas e que precisam de medidas coercitivas e corretivas, a fim de se tornarem "sociáveis". Nesse sentido, a postura de Rachin, diretor e professor de história e francês da escola, é firme e implacável com quem desobedecer às suas ordens, não aceitando qualquer tipo de confronto com seus alunos, pois quem ousar desafiá-lo terá castigos horrendos. Rachin estabelece uma relação de poder através do seu discurso e prática, o que evidencia o quão esse órgão chamado de escola, com toda a sua nobreza e autoridade oficializada pelo Estado, pode exercer extremo controle sobre os indivíduos de uma sociedade. Para Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (2009), a escola é um excelente mecanismo de controle do Estado. O fato é que, na escola de "Fond de L'etang", as vontades dos alunos são sempre reprimidas, tendo em vista que o diretor sabe combinar bem os seus ingredientes de dominação:

[...] essa combinação cuidadosamente medida das forças exige um sistema preciso de comando. Toda a atividade do indivíduo disciplinar deve ser repartida e sustentada por injunções cuja eficiência repousa na brevidade e na clareza; a ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada: é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado (FOUCAULT, 2009, p. 159).

A postura autoritária do diretor Rachin pode ser simplesmente traduzível em uma personalidade perversa, ou em uma consequência de sua própria formação profissional, que o faz crer no seu modelo de educação. De todo modo, mesmo sendo rude e irreduzível, Rachin acredita que pode tornar aquelas crianças melhores e, conseqüentemente, mais sociáveis. Num dado momento do filme, a partir dos 27min, Rachin até reconhece o potencial de um de seus alunos para redigir, o Boniface (Simon Fargeot), e propõe dar-lhe um prêmio por sua redação, embora caia rapidamente em uma frustração por perceber que, apesar do pequeno êxito na escrita, o seu aluno ainda continua bastante limitado em relação aos conhecimentos de história.

Sua forma de ensino é arbitrária, pois é com autoritarismo que Rachin quer ter autoridade sobre os seus educandos. É um modelo repressor que não dá a devida liberdade para aflorar os valores intrínsecos dos alunos. Tenta-se com essa postura frear a vontade de potência com um método de extremo racionalismo. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (2002) demonstra claramente que a vontade de potência é inerente à vida como processo contínuo de criação. Portanto, esta deve ser estimulada na escola, se quisermos formar pessoas criativas que saibam enfrentar problemas e tomar decisões, ou seja, espíritos livres de dogmas cristalizados.

A metodologia de Rachin apresenta-se como uma forma nítida de uso da escola como um mecanismo doutrinador que não respeita as singularidades discentes. Respeitar o singular na multiplicidade não se trata de criar formas individuais de transmissão de conteúdo, mas de compreender que as pessoas não são "tábuas rasas" e, que, por isso, podem e devem participar do processo de desenvolvimento de uma disciplina, pois, qualquer que seja a disciplina, nunca terá o mesmo desenrolar ainda que esta opere sobre as mesmas pessoas. Neste sentido, buscar formas participativas sempre será o melhor meio de conduzir os desdobramentos de uma disciplina, do que tentar encontrar a mais justa adequação.

A coerção é uma das naturezas da escola, muito embora a coercitividade seja algo a que, desde a infância já somos submetidos. Segundo Hannah Arendt (2011), as crianças não participam do mundo dos adultos de forma igualitária, haja vista que elas estão para aprender regras que serão os mecanismos ajustadores dos seus comportamentos perante uma sociedade. Dessa forma, é pegar ou largar a condição de ser um "pacato cidadão da civilização" ou rebelar-se, tornando-se um "delinquente juvenil".

Com isso, não se pretende afirmar que as normas e as regras sociais devem ser banidas, pois elas são responsáveis pelos limites necessários para formar os indivíduos de uma sociedade, porém, regras e normas devem ser compreendidas com base em reflexões que levem a uma liberdade de autoaplicação das coerções e, não, simplesmente, impostas de forma arbitrária e incontestável. Trata-se de ensinar o aluno a compreender as normas e regras sociais e, dessa forma, adquirir um verdadeiro senso de obrigação moral para usar sua liberdade de maneira responsável.

Sendo a escola um mecanismo de controle do Estado, que postura nós, professores, devemos assumir dentro desse órgão? Como não ser um doutrinador autoritário tal qual Rachin? É possível ter autoridade sem ser autoritário na sala de aula? Não é o propósito aqui atribuir respostas fechadas para tais perguntas, mas fazer reflexões acerca disso a partir do filme em análise.

A escola pode ser doce e amarga ou ainda as duas coisas, contudo, mesmo diante de situações precárias, este filme nos mostra que é possível tirar um bom proveito desta tão importante instituição. Logo na primeira cena do filme, quando Pépinot (Didier Flamand) encontra-se com Morhange (Jacques Perrin), ambos na fase adulta, ou seja, muitos anos mais tarde após a entrada deles naquela escola, para ler o diário do professor Clément Mathieu – que se torna o fio condutor do filme – demonstram uma grande satisfação em lembrar o que viveram naquele lugar tão hostil, pois, apesar de estarem no "fundo do poço", tiveram a oportunidade de enxergar a luz da liberdade através de um nobre educador que lhes proporcionou momentos fascinantes de transmissão de valores fundamentais para suas vidas. Não foram necessárias, sequer, mudanças arquitetônicas ou aquisições de materiais didáticos de última geração, mas foi o olhar cuidadoso e terno de Mathieu sobre aquelas crianças que o levou a provocar um deslocamento para uma linha de fuga que resistiu ao modelo imposto

pelo autoritarismo de Rachin, provocando alterações estruturais no seio da escola. Conforme Deleuze e Guattari (1998, p.30):

A linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não sabem bem o que é isso. É claro que eles fogem como todo mundo, mas eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vaziar como se fura um cano. [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada.

Toda escola pode provocar naturalmente conflitos pessoais por estar adentrando em universos singulares, aplicando-lhes doses por vezes cavalares de informações, que vão confrontar o universo psicossocial do indivíduo. Ora, é preciso considerar os alunos como pessoas que trazem uma rica bagagem a ser respeitada. A escola do filme é amarga em sua essência e se torna doce quando se abre para novas possibilidades de aprendizagem, partindo essencialmente de como trabalhar as potencialidades mais evidentes dos alunos.

Assim, Mathieu, um músico compositor com grandes frustrações e, que, por isso, não queria jamais trabalhar com música novamente, percebe que a capacidade de cantar era o que havia de mais latente naqueles meninos. Mesmo contra a sua vontade de exercer novamente a atividade de músico, Mathieu resolve montar um coral na escola. Entretanto, ao propor para o diretor Rachin que irá montar um grupo vocal, percebe o tom de desdém quando ele argumenta que Mathieu jamais conseguirá. Mathieu contesta, elegantemente, ressaltando que os meninos naturalmente já cantam, deixando clara a sua percepção aguçada diante do grande potencial daqueles alunos relativo a esse gênero. Após algumas negociações, o diretor concorda, propondo um desafio a Mathieu, revestido, também, de ameaça, ou seja, se ele não obtivesse êxito em seu empreendimento, automaticamente, seria despedido.

É justamente nesse momento que a escola começa a se abrir para novas possibilidades, linhas de fuga que saem do fel para o mel, acreditando no mais nobre metal desta usina, o aluno, o maior propósito para a

criação dessa incrível máquina do Estado, que busca tão somente construir uma sociedade mais justa a partir da boa formação de seus indivíduos.

Dessa forma, Mathieu se lança de corpo e alma no desafio, tendo que construir peça por peça de um coral, desde as composições até a execução das obras. Nota-se que Mathieu, nesse momento, encontra novamente a oportunidade de dar vazão à sua criatividade de músico compositor. Além disso, este coral não é apenas um coral, mas também um mecanismo de resistência diante de um poder instaurado. Não se trata somente de fazer arte pela arte, mas também de oferecer oportunidades de pertencimento e, conseqüentemente, elevar a autoestima daqueles garotos através da música, melhorando as capacidades de concentração e aprendizagem, habilidades fundamentais para o processo de ensino. Mathieu encontra linhas de fuga através da arte para, de forma sublime e sem autoritarismo, desmontar a máquina autoritária de Rachin.

Após um árduo trabalho de ensaios – até mesmo clandestinos devido a pertinente resistência de Rachin –, o coral eclode com sucesso e consegue mudar toda a atmosfera da escola, e até Rachin tenta tirar proveito do grupo quando busca se promover perante as autoridades francesas, fazendo-se passar por idealizador do tão belo coro. Trata-se de uma forma única de pertencimento jamais vivenciado por aqueles meninos, ou seja, serem reconhecidos como capazes. A potência musical daqueles alunos foi o elemento propulsor para Mathieu que, ao escutar pela primeira vez aquelas vozes angelicais, percebeu a tempo a força que aqueles "anjos" poderiam exercer em favor de suas vidas, proporcionando-lhes momentos existencialmente ativos e de retorno substancialmente positivo para suas afirmações como pessoas capazes de realizar algo significativo e apreciável.

O modelo adotado por Rachin alicerçado na terceira lei de Newton, baseada no princípio da "Ação e Reação", só reforçava a ideia de que aqueles meninos são problemáticos e irrecuperáveis. Ora, se for dito diariamente para uma criança que ela é incapaz de realizar algo, pode-se estar contribuindo, de forma incisivamente negativa, para a formação de sua personalidade, fazendo-a acreditar ser uma pessoa incompetente por natureza. A postura de Rachin acaba servindo como modelo para aqueles meninos repetirem uns com os outros as mesmas hostilidades, tornando o ambiente extremamente amargo e violento.

Autoritarismo que busca uma autoridade perdida – é assim que Rachin se apresenta diante de seus alunos que o obedecem por medo, e não participam de forma entusiasmada dos seus métodos. Já Mathieu consegue estabelecer o que vem a ser uma autoridade conquistada a partir de uma relação de confiança entre aquele que está no comando e os seus comandados.

Um professor deve comandar uma sala de aula, e sua autoridade para tal é conquistada por meio da sua capacidade de domínio do conteúdo, capacidade de transmissão e, principalmente, de sua autorreflexão, uma vez que o que ele pode transmitir, grosso modo, nada mais é do que o fruto de um diálogo com vários autores por ele estudados. E, mesmo tendo defendido a mais nobre tese, nunca estará sozinho e, sim, sempre com seus intercessores, os livros. Sabe-se que:

Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p. 11).

Ora, um professor não deveria arrogar-se perante seus alunos, tampouco esquecer que estes trazem capacidades intrínsecas de intercessão; além disso, é preciso ainda ser capaz de perceber os níveis de compreensão do corpo discente a partir do encaixe dos conteúdos com as realidades dispostas.

Mathieu, com uma postura digna de um mestre, consegue ter uma relação de autoridade com os alunos de *Fond de L'etang*, convidando-os a vivenciar uma experiência com a arte de cantar para além daquele "fundo do poço", especialmente Morhange, que mais tarde se tornara um célebre regente conhecido internacionalmente. Contudo, a intenção de Mathieu não era fazer daqueles garotos músicos formidáveis com notoriedade internacional, uma vez que isso seria até utópico, e se aconteceu no caso de Morhange foi uma excelente consequência. O que motivou Mathieu a tais feitos, possivelmente, foi a sua própria vontade de potência ativada pelo desejo de mudar aquela situação por ele encontrada. Aqueles meninos não deveriam ser duplamente vitimados, pois bastavam os horrores da guerra que tinham tirado tudo que estes possuíam. Muitos estavam ali

perdidos sem família e sem lar como Pepinot. Suas agressividades e resistências estavam inteiramente ligadas às suas condições de vida, ou seja, eram apenas crianças vítimas da guerra e de um modelo social.

Mathieu, em seu papel de educador, possuía uma capacidade extremamente altruísta, comparada à postura de Augusto Comte. Porém, é perceptível que o altruísmo de Mathieu está harmonizado com sua capacidade intelectual e técnica. Percebe-se que ele, primeiramente, demonstra uma posição contrária ao método de Rachin e, logo após, entra no exercício de pensar em uma saída para tal situação, quando, de repente, encontra uma possibilidade de fuga do "fundo do poço" através dos dotes artísticos que aqueles meninos naturalmente lhe apresentavam.

Assim, com sua extrema habilidade musical adquirida obviamente através de muito exercício, ele ensina àqueles meninos a cantarem com técnica e com harmonia; por conseguinte, apesar de saber que proporciona a elevação da autoestima dos alunos, busca, ainda, realizar essa atividade de modo profissionalmente comprometido, a fim de obter um resultado satisfatório e convincente que pudesse levar os meninos a acreditarem em si, e, como consequência, fazendo com que todos da escola também percebessem esses potenciais como pérolas a serem lapidadas. É um desenrolar mútuo entre a capacidade técnica e talento de Mathieu juntamente com o elã natural daqueles meninos para a música.

Para tal processo, não houve uma imposição por parte dele, mas existiram cobranças de responsabilidades e atitudes diante de seus "comandados", e isso é pleno uso de autoridade, ou seja, ele estava autorizado para conduzir aquelas crianças para fora do "fundo do poço", dando vazão às suas vontades de potência, embora encontrasse grande resistência por parte de Rachin.

O poder de Rachin era institucional e sua resistência era perante as investidas de desmonte de Mathieu, que tinha um poder de autoridade assegurado pelo fruto da sua relação estabelecida com aqueles meninos que, por sua vez, resistiam ao poder de Rachin. Veja que essa relação entre poder e resistência é uma linha tênue, pois tudo depende de como está estabelecida. Nesse sentido, quem estava realmente com o poder: Rachin, com seu autoritarismo; ou Mathieu, com sua autoridade? E ainda, quem resistiu mais a esse jogo?

Para Deleuze e Guattari (1998), o poder e a resistência não têm a mesma origem, e nem agem a partir de uma mesma lógica e com uma mesma finalidade. Os dispositivos de poder (o Estado, a escola, entre outros) caracterizam-se por querer manter uma relativa estabilidade e por um funcionamento de reprodução que se definem por um sistema de codificação de acordo com certa ordem instituída. Já a resistência cria linhas de fugas que vai contra ao que o poder tenta manter a todo custo. É preciso refletir sobre qual poder nós temos como educadores, e como utilizar isso de forma coerente. Na perspectiva Foucaultiana:

O exercício de poder [...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Está claro que o poder, na perspectiva foucaultiana, não se apresenta como algo perigoso e abominável, uma vez que este poder opera no vasto campo das possibilidades. Portanto, é possível então no exercício de um poder criar linhas de fuga para sairmos de condições extremamente aterrorizantes como é o caso da situação vivida em *Fond de L'etang*. Na trama do filme, Mathieu adquire um poder que o faz concomitantemente resistir e corroer o poder de Rachin, que tenta resistir a todo custo de forma arbitrária. As formas de poder se diferenciam justamente aí, ou seja, pelo modo como o exercício desse poder foi instaurado. Assim, o poder de Mathieu está investido de uma autoridade, já Rachin edificou um poder com os ingredientes do autoritarismo, o que, conseqüentemente, nunca lhe deu a devida autoridade.

Mediante um trabalho que envolveu extrema dedicação, entre perdas e ganhos, Mathieu consegue mostrar que a autoridade é inerente à natureza do exercício de um professor comprometido com o seu ofício de ensinar, e esta deve ser conquistada; não imposta arbitrariamente. Ele deixa claro, ainda, que estimular as capacidades dos alunos ao perceber suas potencialidades intrínsecas é uma forma de tornar a escola um ambiente rico e agradável, onde deve desaguar a vontade de potência, e isso deve ser feito numa via de duas mãos, ou seja, professor e aluno construindo um processo.

Por fim, é possível comungar das mesmas posturas de Mathieu ao propor e executar ideias que venham provocar mudanças para melhorar as escolas brasileiras, acreditando que a transformação desse contexto sempre será viável. E, ainda, que haja, em alguns momentos, possíveis derrotas, é preciso fazer uma reflexão mais ampla para que sejam percebidas também vitórias, pois o coral de Mathieu nunca parou de cantar com "a voz do coração" que teima em não calar. Sua música tocou o espírito daquelas crianças, cujos acordes, para sempre, seguirão ecoando e mostrando o quão elas podem ser livres.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, Vol. 1, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 37. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HANNAH, Arendt. **Entre o passado e o futuro**.

Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de José Mendes de Sousa. Versão para e-books: 2002. Disponível em: <<http://ebooksbrasil.org/>>. Acesso em 3 dez. 2011.